

José Eduardo Reis

Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro

Instituto Literatura Comparada Margarida Losa, FLUP

Pela razão suficiente de ter sido a década que convergiu para o limiar do segundo milénio da era cristã, os anos noventa do século passado foram pródigos em balanços críticos e análises filosóficas, em retrospectivas documentadas e sínteses explicativas de múltiplos e heterogêneos fenómenos de natureza económica-social, político-ideológica, técnica-científica, religiosa e artística que relevaram do fluir e conferiram sentido ao do tempo histórico.

Algumas dessas inquirições com valor de síntese hermenêutica assumiram a forma temática e jornalística da entrevista a personagens que se destacaram, quer no plano axiológico da acção cívica, política e humanitária, quer no plano heurístico do conhecimento intelectual e da prática artística.

Inscreve-se nessa lógica de inquérito reflexivo à densa e, em muitos aspectos, trágica história do século XX, a série televisiva, concebida e realizada pelo jornalista holandês Wim Kayser, intitulada *Da Beleza e Consolação*, e constituída por 27 entrevistas autónomas a 27 personalidades destacadas e representativas dos mais diferenciados domínios da cultura europeia.

Dessa série desejaríamos aqui dar conta da entrevista feita ao ensaísta, filósofo, ficcionista e professor de literatura comparada George Steiner. Mais do que analisá-la na íntegra, parece-nos ser útil dar a ver e a ouvir fragmentos da versão original, apoiados por uma proposta de tradução pessoal que, no essencial, procurou respeitar o tom de oralidade característico do género jornalístico da entrevista, tom que é exercido por Steiner com a eloquência e o vigor de expressão de um pensador que não descarta a pedagogia do seu magistério.

Não nos propomos portanto aqui ensaiar fazer uma reflexão sobre a obra de George Steiner. Do conhecimento parcial que dela temos, gostaríamos, no entanto, de destacar cinco títulos traduzidos para português por Margarida Vale do Gato e Miguel Serras Pereira, um dos principais divulgadores, a par de Ricardo Gil Soeiro, do pensamento de Steiner, a saber, por ordem cronológica, *In Bluebeard's Castle* (1971) - *No Castelo do Barba Azul* (1992) - *After Babel* (1975)- *Depois de Babel. Aspectos da Linguagem e Tradução* (2007) - *Antigones* (1984) – *Antigonas – Real Presences* (1989) – *Presenças Reais* (1995) -, e *Errata: Na Examined Life* (1997) – *Errata: Revisões de uma vida* (2001).

Qualquer um destes ensaios se desenvolve a partir da expansão de uma tese nuclear de original e forte irradiação intelectual com evidentes implicações éticas e axiológicas.

In bluebeard's Castle, livro que se situa na linha da tradição crítica do pensamento inglês sobre o conceito de cultura e que tem como seus precedentes referenciais *Notes Towards a Definition of Culture* (1941) - *Notas para um definição de Cultura* – de T.S. Eliot, e mais longinquamente *Culture and Anarchy* (1869) *Cultura e Anarquia*, Steiner diagnostica as causas e os efeitos do enfraquecimento do estatuto da literatura enquanto instância soberana na modelação intelectual da cultura europeia.

After Babel é um monumental estudo de incidência filosófica sobre os fenómenos da linguagem e da tradução, acompanhado pela análise de exemplos ilustrativos da tese central que vincula a comunicação geral humana ao acto de compreensão. Por isso

mesmo, e na esteira da tradição hermenêutica que teve a sua origem em autores românticos como Schleiermacher e a sua continuidade no século XX com Heidegger, Steiner define o acto de “reconhecimento e de transposição da apropriação de sentido” literalmente como um movimento hermenêutico constituído por quatro tempos, a saber - os termos são do autor - o da confiança no texto, o da agressão ou apropriação a que este fica sujeito, o da incorporação ou assimilação e finalmente o da compensação ou restabelecimento do equilíbrio. Questionando a formulação de modelos teóricos de tradução derivados de uma concepção universalista da linguagem, Steiner demonstra de forma elegante e exaustivamente erudita a ideia que traduzir não é uma ciência mas uma “arte exacta”.

Antígonas, como indica o número plural do título, é uma análise temática das diferentes materializações literárias e interpretações filosóficas de um, “entre um punhado de mitos gregos antigos [que continuam] a dominar, a dar forma, vital ao nosso sentido de nós próprios e do mundo” (Steiner, p.11), isto é, que encena, na sua ambiguidade e metamorfose estrutural, motivos contraditórios que oscilam entre a apologia da liberdade da consciência individual face ao poder discricionário e cego da lei, e defesa da lógica da razão de estado.

Real Presences é uma desconstrução dos fundamentos do estruturalismo e do desconstrucionismo enquanto teorias imanentes e hiperformalizadas da natureza e função comunicativas da linguagem, a favor da tese de que a experiência do sentido, em particular do sentido literário e do estético, assenta na “suposição da presença de Deus”, por outras palavras, que a mecânica formal da comunicação linguística e artística não se reduz a um sistema de combinações de signos arbitrários, mas manifesta um resíduo de inefabilidade transcendental.

Errata é uma memória electiva autobiográfica na qual Steiner, mais do que examinar aspectos anedóticos da sua vida pessoal, evoca momentos paradigmáticos da história do século XX como cenários de contextualização aos temas fundamentais que pontuam a originalidade do seu pensamento – e.g. o reconhecimento da irreduzível especificidade do fenómeno particular em detrimento do modelo de abstracção totalizadora, o valor ontológico da memória e do seu exercício, o sentido modelar e a perenidade da sabedoria dos clássicos, a consciência dos limites da linguagem e da tradução, as aporias, tornadas evidentes em conjunturas históricas e culturais favoráveis, dum comportamento humano que pode ser simultaneamente sensível à compreensão e fruição dos vens simbólicos da arte e da cultura e possuída por ódios atávicos de intolerância política e da alteridade étnica.

A entrevista conduzida pelo jornalista Wim Kayser a George Steiner tem justamente como ponto de partida e como pretexto recorrente a leitura de algumas passagens de Errata. São quatro os blocos que seleccionámos para o seu visionamento e que ilustram quatro temas recorrentes na obra de Steiner, a saber: (i) a agonia da memória literária como facto de aculturação e a generalizada erosão da sensibilidade intelectual para a estética da linguagem verbal; (ii) a literatura como expressão da liberdade inviolável da consciência humana e como formalímite de resistência ao terror ideológico e ao exercício maquiavélico da manipulação das consciências pelo poder acéfalo e totalitário; (iii) a escrupulosa obrigação socrática do auto-exame intelectual; (iv) o entendimento do acto de leitura como acto livre de cortesia – a expressão é de Steiner – isto é como um encontro livre com a liberdade do ser outro e como via de acesso à revelação de si.

Esperemos que esta entrevista possa cumprir com o objectivo da sua exibição e de dar a ver e ouvir o exemplo vivo de um dos grandes pensadores da segunda metade do século

XX, discípulo de Sócrates, que não dissocia o conhecimento filosófico do mundo exterior de um implacável exame do conhecimento de si próprio.

GEORGE STEINER: On beauty and consolation

He lives here just around the corner in Cambridge, England. From the fair is a five minutes walk to his house. It's Sunday afternoon. He hates fairs, as I presume. He calls himself "a collector of silences". Nobody understands why the sound level in our culture has been rising. A Haydn symphony is many times lower than a Beethoven symphony and Beethoven was again decibels lower than Wagner. By now, Stravinsky is ten times louder than a Haydn symphony. Nobody understands why. The noise that surrounds us today everywhere is maybe a way to settle our fears down. Maybe. I don't know. Never he will come here, although he lives around the corner. These images don't touch him but they are beautiful anyway, especially accompanied with the last composition of Schubert written before his death when he already knew that he was already dying. We shall be talking about these issues, as well as about love, about the kingdom of memory and about Chardin's "Reading Philosopher". And we shall be talking about that one single question, the question that he asked himself nine years ago when we met for the first time, the question that, strangely enough, has everything to do with beauty and maybe with consolation: how in God's name is it possible that people who enjoy Goethe and Rilke and that played splendidly Beethoven's piano music, how was it possible that these people on the next morning went to their job in the concentration camp where they finished people as if they were stamping forms ?.

The code of Pasternak

George Steiner stands with his back to the camera and he looks to his bookshelf scanning it in search of a book.

George Steiner, virado de costas para a câmara, perscruta a sua biblioteca na tentativa de identificar a colocação de um livro.

George Steiner. It's a terrible question of *embarras de richesse*: You've got to give me a few seconds ...

George Steiner. É uma situação incómoda de *embarras de richesse*. Tem de me dar um minuto ...,

Wim Kayzer. Take your time.

Wim Kayzer. Esteja à vontade.

George Steiner. ... Because it's too much ..., you know, and I don't ...

George Steiner. ... Porque é demasiado ..., percebe, e eu não sei ...

Wim Kayzer. Sixty two years of reading?

Wim Kayzer. Sessenta e dois anos de leituras?

George Steiner. Exactly, and you are asking ... a terrible question, a terrible question.

George Steiner. Exacto, e está-me a fazer uma ... pergunta terrível, uma pergunta terrível.

Wim Kayzer. Well, if the answer is impossible ...

Wim Kayzer. Bem, se lhe é impossível responder ...

George Steiner. No, no, of course is not impossible.

George Steiner. Não, não, claro que não é impossível.

Wim Kayzer. I think it's impossible. "There's too much to everything". Do you remember?

Wim Kayzer. Parece-me que é impossível. "Há demasiado de cada coisa". Recordá-se?

Steiner has meanwhile sat down with a book in his hands and he leafs through it, looking for a page. Steiner's dog can be heard barking in the distance.

George Steiner. She knows it's tea time. Sorry.

Steiner sentou-se, entretanto, com um livro e folheia-o na tentativa de localizar uma determinada passagem. Ouve-se a cadela de Steiner a ladrar à distância.

George Steiner. Ela sabe que está na hora do chá. Desculpe-me.

George Steiner. Tell me when you are ready.

George Steiner. Avise-me quando quiser começar.

Wim Kayzer. We are ready.

Wim Kayzer. Podemos começar.

George Steiner. Even very great writers rarely change the power of very simple words. We are now coming after Ernest Hemingway. Nobody has used the little word “and” again in the same way since Hemingway. And one of the great passages which illustrates all my worries about people no longer recognising great references, people becoming deaf to the most moving literature, I owe one little passage from the novel “The Sun also rises” – the title of course is from the Ecclesiastes in the Bible – or as it is known in the English edition “Fiesta”. Two very close friends are on a bus and they think they love each other, they think they are really, totally true to each other.

“We went through the forest and the road came out and turned along a rise of land, and out ahead of us was a rolling green plain, with dark mountains beyond it. These were not like the brown, heat-baked mountains we had left behind. These were wooded and there were clouds coming down from them. The green plain stretched off. It was cut by fences and the white of the road showed through the trunks of a double line of trees that crossed the plain towards the north. As we come to the edge of the rise we saw the red roofs and white houses of Burguette ahead strung out on the plain, and away off on the shoulder of the first dark mountain was the grey metal-sheathed roof of the monastery of Roncevalles.

“There’s Roncevalles”, I said.

“Where?”

“Way off, there where the mountain starts.

“It’s cold up here”, Bill said.

“It’s high”, I said. “It must be twelve hundred meters.”

“It’s awful cold”, Bill said.”

Roncevalles is the place where, in the great medieval epic of “Roland”, Roland and his friends are betrayed by one of their number and butchered in an ambush by the Saracens. The genius of Hemingway is not to say so. Only the word Roncevalles tells us that these two friends are going to betray each other, that they are at the edge of the end of their relationship. And then the repetition “It’s cold up here, Bill said”. “It’s awful cold”. And of course, it is the cold of the heart. And only a very great artist can say everything without saying anything.

The importance of this is that my Oxford and Cambridge students, my Geneva and Harvard students, no longer recognise Roncevalles, so that our next editions have to have a footnote which kills the whole thing. And in Hemingway, in his

period and for his public, which was a general public, this was a successful novel, and he could assume that the word Roncesvalles

Wim Kayzer. ...Was known ...

George Steiner. ... It was all you needed. And we are reaching a point where the word “Elsinore” will need a footnote, where anything ... where “La Mancha” no longer is recognisable. This is very frightening.

George Steiner. Até mesmo os grandes escritores raramente conseguem mudar o poder de palavras muito simples. Vejamos o caso de Ernest Hemingway. Ninguém voltou a usar a pequena palavra "e" da mesma maneira após Hemingway. E uma das grandes passagens que ilustram a minha inquietação em verificar que as pessoas deixaram de reconhecer referências fundamentais, em verificar que estão a ficar surdas para o que há de mais estimulante na literatura, é a seguinte do romance *O sol nasce sempre* - o título deriva obviamente da Bíblia, do livro do *Eclesiastes* -, também conhecido, na versão inglesa, por *Fiesta*. Dois grandes amigos viajam num autocarro e ambos julgam que se estimam reciprocamente, ambos pensam que são genuinamente verdadeiros um para o outro.

"Fomos pela floresta, e a estrada saiu e contornou uma elevação de terreno e à nossa frente estendia-se uma ondulada planície verde, com montanhas escuras ao fundo. Estas não eram como as outras, castanhas e queimadas do sol, que deixámos para trás. Eram arborizadas e delas desciam nuvens. A planura verde alongava-se. Era dividida por valados e a brancura da estrada destacava-se entre os troncos de uma dupla linha de árvores que cortava em direcção ao norte. Ao atingirmos o fim da elevação, vimos os telhados vermelhos e as casas brancas de Burguete emergirem, à nossa frente, da planície, e, ao longe, às cavaleiras da primeira montanha escura, estava o telhado de ardósia cinzenta do mosteiro de Roncesvalles.

- Ali está Roncesvalles - disse eu.

- Onde?

- Além, onde começam as serranias.

- Está frio cá em cima - observou Bill.

- É da altura. Devemos estar a mil e duzentos metros.

- Está um frio terrível."¹

Roncesvalles é o lugar onde na grande epopeia medieval Rolando, Rolando e os seus amigos são traídos por um dos seus companheiros e massacrados numa emboscada pelos Sarracenos. A genialidade de Hemingway não é dizer-nos isso. Apenas a palavra Roncesvalles chega para nos dizer que estes dois amigos vão trair-se mutuamente, que estão no limiar do fim da sua relação. E depois a repetição: "Está frio cá em cima, Bill", "Está um frio terrível". E, claro, é o frio do coração. E só um grande escritor pode dizer tudo sem dizer nada.

A pertinência disto está em que os meus alunos de Oxford e de Cambridge, os meus alunos de Génova, de Harvard, já não reconhecem Roncesvalles, de maneira que as próximas edições terão de ter uma nota de rodapé, o que liquida tudo. E na época de

¹ Utilizámos a versão de Jorge de Sena da sua tradução *The Sun Also Rises*. Cf. Hemingway, Ernest - *O Sol nasce sempre* (1926). Pref. e trad. Jorge de Sena. Lisboa, Livros do Brasil, 1996, p. 128.

Hemingway, para o seu público, que era o grande público, este romance teve um enorme sucesso, assumindo-se que a palavra Roncesvalles ...

Wim Kayzer. ... Era conhecida ...

George Steiner. ... Era tudo o que era preciso. E estamos a chegar a um ponto em que a palavra "Elsinore" precisará de uma nota de rodapé, em que tudo, em que "La Mancha" deixou de ser reconhecido. Isto é muito assustador.

George Steiner. And when one asks oneself, looking back on that kingdom of memory, where did the great movements of consolation come from, very often the answer is, from different concepts - underline different concepts - of beauty: intellectual, aesthetic, profoundly personal. But the two words are, if you want, like partners in a dance, in a dance. And when one comes near to thinking about the limits of language, again which one does after a lifetime of writing too many books, giving too many lectures, speaking too much ...

Wim Kayzer. ... Reading too much ...

George Steiner. ... Reading too much, when one comes to think about the frontiers of language, the picture of the dance becomes more and more important. Our concepts in some ways are very physical and circle around each other. And so what I meant by that was that this little book - *Errata* -, which is a memoir, an elective autobiography, could have had your very moving choice of title [for this programme] as a kind of subtitle. So I was rather struck and moved by the coincidence between your project and what I just happen to be at work upon.

George Steiner. E quando nos perguntamos, ao revisitarmos o reino da memória, de onde vêm os grandes movimentos de consolação, a resposta comum é: de diferentes conceitos - sublinho diferentes conceitos - de beleza; intelectual, estética, profundamente pessoal. Mas as duas palavras (beleza e consolação) são, se quiser, como um par numa dança, numa dança. E quando somos levados a pensar nos limites da linguagem, o que inevitavelmente sucede após uma vida inteira dedicada a escrever demasiados livros, a dar demasiadas aulas, a falar demais ...

Wim Kayzer. ... A ler demais ...

George Steiner. A ler demais, quando somos levados a pensar sobre os limites da linguagem, a imagem da dança torna-se ainda mais forte. Os conceitos que usamos são, por vezes, muito físicos e circulam uns em redor dos outros. Quero com isto dizer que

este pequeno livro - *Errata*²-, que é uma memória, uma autobiografia electiva, podia ter tido como subtítulo a feliz combinação de palavras que você escolheu para intitular o seu programa (Beleza e Consolação). Por isso fiquei bastante tocado e sensibilizado pela coincidência do seu projecto com o trabalho que eu tinha entre mãos.

Wim Kayzer. “The kingdom of memories”. Memories came back from your early childhood and later on. Are you willing them to come back deliberately, or are they just coming back? Are they consoling? Or not at all?

George Steiner. Now you are asking a very difficult question. Psychologists tell us that between willing and the involuntary processes of memory, one fools oneself. Nevertheless, when you sit down to write a little autobiography or an essay, involving these early years, there is a part of willing [involved].

I am very, very lucky. I had almost a photographic memory my all life. The French *lycée* train this memory just like you train the muscles of an athlete. Learning by heart, by heart, by heart, to which I owe everything. I still do it at my age. There are very few days when I don't try to learn something by heart. I do long memory exercises. It's very funny, it's very childish. I recently had a pretty bad fall during a Scottish trip or lecture tour. My head fell the wrong way. So immediately, in [that first] moment of bewilderment, I asked myself whether I could do the twelve months of the French revolution calendar correctly. And when that worked, I then tried another little hobby of mine: there is a list of composers who are either murdered or murder other people, from Gesualdo to Leclair. And immediately the memory was fine and I relaxed completely. There you have a case in which exercises – a tiny trivial thing – brings great consolation. Because memory when it is strong is also great consolation. And what, in my profession, in my circle of friends, is the nightmare? It is, of course, that memory begins to lose its power. And that, for anyone who works in literature, in scholarship, is a death sentence. So, I've been very, very lucky. The memory was strong to begin with and was systematically trained and has been in use my all life.

Wim Kayzer. "O reino da memória". Memórias que regressam da sua infância e de momentos posteriores. Procura-as deliberadamente ou surgem-lhe, sem mais. De algum modo são para si uma consolação ou não?

George Steiner. Coloca-me agora uma pergunta muito difícil. Os psicólogos dizem que nos ludibriamos entre o uso deliberado da vontade e o uso involuntário da memória. Há, todavia, algo de voluntário quando nos sentamos para escrever uma pequena autobiografia ou um ensaio que envolve a rememoração dos anos da infância.

Eu tenho tido muita sorte. Ao longo de quase toda a minha vida tive uma memória fotográfica. O liceu francês treina esta memória como se treinam os músculos de um atleta. Aprender de cor, de cor, de cor. São raros os dias em que não procuro decorar algo. Faço-o ainda na minha idade. É muito divertido. É muito infantil. Recentemente, num ciclo de conferências na Escócia, fui vítima de um grave colapso que afectou a minha mente. Imediatamente, no momento da aflição, perguntei-me se

² Steiner refere-se à sua memória autobiográfica intitulada na versão inglesa *Errata: an examined life*

conseguia enumerar correctamente os doze meses do calendário da revolução francesa. E, uma vez enumerados, recorri então a outro dos meus passatempos preferidos, o de enumerar a lista de compositores que foram assassinados ou que assassinaram outras pessoas, de Gesualdo a Leclair. E a memória respondeu, e pude então relaxar completamente. Aí tem um exemplo de como os exercícios de memória, pequenas trivialidades, são uma grande consolação. Uma boa memória é um grande consolo. E qual é o maior pesadelo na minha profissão e no meu círculo de amigos? É que a memória começa a enfraquecer. E para quem trabalha com a literatura, para um "scholar", isso corresponde a uma sentença de morte. Tive, portanto, muita, muita sorte.

Wim Kayzer. "One morning, uncle Rudi drove into Salzburg. He brought back with him a small book in blue waxen covers.

It was a pictorial guide to coats of arms in the princely city and surrounding fiefs". Is this memory ? I am talking about the *summa summarum* where [the passage? The book?] ends. How important was it?

George Steiner. Enormously, enormously. I can remember as if it were today. The peculiar shock of wonder and terror. Let me try to explain that. Wonder, at the detail of the world. I can put it no other way.

Wim Kayzer. Because in the book was ... ?

George Steiner. Maybe fifty or a hundred coats of arms of the different bishops, princes and monasteries, just around Salzburg. Each different. I remember my feeling: "If there can be for every castle, monastery, bishop or prince a different coat of arms, first of all, how many must there be for Austria, for Europe?" It was an enormous sense of great numbers, of detail. I didn't yet know William Blake, the great poet's favourite saying, "The holiness of the minute particular", and I did not know Aby Warburg's famous saying that "God is in the detail", which may actually have been said first by Thomas Aquinas . But I was physically struck. Suddenly I said to myself: "Every leaf on every tree is different, every blade of grass maybe is different from every other blade, every drop of water is a universe of its own". And then immediately came the fear – as if someone had hit me in the stomach. (...) "If this is so, how can anyone know it all, how can anyone ever possess it or visit it all, how can anyone ever make an inventory of the totality of the available human existence". (...)

I began night and day writing down lists, lists of capitals, lists of oceans, lists of popes, and endless, endless, lists of flowers. Many children do this. I had the feeling if you can just get the list down on paper and if it is complete - please let me underline that – the nightmare of the missing one. If one is missing, you've lost the bet, you've lost the gamble against totality. And, as I look back on my work, my deep distrust of theory, my deep distrust of the great models of totality comes probably from that day. I am fascinated by the inviolate, hard, rock-like core of the particular, of the specific, of the unrepeatable, of the terrifying fact that, if we repeat the same sentence, the second time cannot be quite the same; the vocal chords are slightly different, you are older, the vibrations are different. I asked great pianists: "when you do a trill in a Beethoven sonata, in a Liszt study, how do

you know you are hitting the key the same number of times?” And they smile, and say: “We don’t”. Even the most accurate, even a Brendel, even the *facsimile* artists of a composer score are playing *ad libitum*. The finger is too quick. No one ever repeats the same trill on a piano, twice. Years later, I read a book, it’s perhaps his deepest book, by Soren Kierkegaard, the great Danish religious thinker and philosopher, called “Unrepetition”, where that is very much his point. And then Nietzsche, Nietzsche who says: “Yes, there is eternal return, it will all come back identical”. I don’t believe that, but I know why he said it. Because of the terror of the immensity of the particular in human existence and in the world. There are people who live with this very comfortably, who know that there are four billion stars out there [and] that they will never be able to count them, never be able to name them, never be able to make a systematic index – [that] even the greatest star atlas is incomplete ...

Wim Kayzer. And does it worry you?

George Steiner. It worries me. I want to know why is the universe organised in this way. There is a legend I love. I love legends, because ... Heidegger used to say that “if you can’t think, you tell a story”, and that crushes me. That is the cruellest thing you can say. He is perfectly right. But if one doesn’t have a systematic intellect - and I probably don’t -, one tells a story.

There’s a castle in Scotland, the royal castle called Glamis where, for instance, the Queen Mother was brought up, and there are about two hundred windows, and they decided to find out how many rooms are in this castle by putting a candle in every window. Very easy, beautiful idea. There is always one window without a candle. However often you tried to visit every room. And that I find a haunting, beautiful image and illustration. However hard you try, there is always a window without a candle.

Wim Kayzer - "Certa manhã, o tio Rudi foi de carro a Salzburgo. Trouxe de lá um livrinho com uma sobrecapa azul e lustrosa.

Era um guia pictórico dos brasões da nobre cidade e feudos circundantes"³.

É isto memória? Estou-me a referir ao *summa summarum* com que conclui esta passagem. Que importância teve esse livro?

George Steiner - Uma importância enorme, enorme. Lembro-me como se fosse hoje. O choque peculiar de espanto e terror. Permita-me explicar. Espanto, pelo pormenor do mundo. Não consigo dizê-lo de outra maneira ...

Wim Kayzer - Porque o livro continha ... ?

George Steiner - ... Continha talvez cinquenta ou cem cotas de armas de diferentes bispos, príncipes e mosteiros, apenas das imediações de Salzburgo. Cada qual com as

³ Utilizamos a versão portuguesa do livro de Steiner, traduzida por Margarida Vale do Gato, in Steiner, George - *Errata: Revisões de Uma Vida* (1997). Trad. Margarida Vale do Gato. Lisboa, Relógio D'Água, 2001, p.9-10.

suas diferenças. Lembro-me do que senti: "Se para cada castelo, mosteiro, bispado corresponde uma diferente cota de armas, quantos mais haverão ainda na Áustria, na Europa?" Senti a enorme grandeza dos números, do pormenor. Desconhecia então a frase, minha preferida, do grande poeta William Blake "A santidade da minúcia particular", e desconhecia a famosa afirmação de Aby Warburg "Deus está no pormenor", que, de facto, podia ter sido originalmente enunciada por Tomás de Aquino. Senti-me fisicamente atordoado. De repente, dei-me comigo a dizer: "Cada folha de cada árvore é diferente, cada folha de erva é provavelmente diferente de qualquer outra folha de erva, cada gota de água é em si um universo". E, logo a seguir, senti medo, como se tivesse sido atingido no estômago. Senti um vazio no estômago. "Se isto é assim, como é possível alguém conhecer tudo, como é possível alguém poder vir a possuir ou a visitar tudo, como é possível alguém fazer um inventário da totalidade do conhecimento humano?" E comecei a fazer, noite e dia - julgo que há muitas crianças que fazem o mesmo -, listas, listas de capitais, listas de oceanos, listas de Papas e infindáveis, infindáveis listas de flores. Muitas crianças fazem o mesmo. Eu tinha a impressão de que se não pusesse a lista toda no papel, se ficasse incompleta - e permitame, por favor, sublinhar isto -, eu tinha o pesadelo de que se faltasse um elemento, e bastava um, perdia a aposta, perdia o jogo contra a totalidade. Lançando agora um olhar retrospectivo sobre o meu trabalho, creio que a minha profunda desconfiança em relação à teoria, a minha profunda desconfiança em relação aos grandes modelos da totalidade vem muito provavelmente desse dia.

Sinto-me fascinado pela dureza inviolável do âmago rochoso do particular, do específico, do irrepitível, do facto aterrorizador de que se você repetir uma frase pela segunda vez, ela não é bem igual : as cordas vocais são ligeiramente diferentes, é-se mais velho, as vibrações são diferentes. Tenho perguntado a grandes pianistas: "Quando executam um trilo numa sonata de Beethoven ou num estudo de Liszt, como é que sabem que estão a tocar a tecla o mesmo número de vezes?" E eles sorriem e dizem-me: "Não sabemos". Mesmo os mais exímios, até mesmo um Brendel, mesmo os pianistas que são o *fac-simile* da pauta de um compositor tocam *ad libitum*. O dedo é muito rápido. Nenhum pianista consegue repetir e executar duas vezes seguidas o mesmo trilo num piano. Anos mais tarde li aquele que deve ser o livro mais profundo de Soren Kierkegaard, o grande pensador religioso e filósofo dinamarquês, intitulado "Irrepetição", em que ele enuncia esta mesma tese. E depois Nietzsche, Nietzsche que afirma: "Sim, há um eterno retorno e tudo regressará de modo idêntico". Não acredito nisso, mas sei porque ele o disse. Por causa do terror causado pela imensidão do particular na existência humana e no mundo. Há pessoas que vivem confortavelmente sabendo isso, sabendo que há quatro biliões de estrelas que nunca hão-de poder contar, que nunca hão-de poder nomear, de que nunca hão-de poder fazer um índice sistemático - até mesmo o maior atlas estelar está incompleto ...

Wim Kayzer. E isso preocupa-o?

George Steiner. Preocupa-me. Quero saber porque é que o universo está organizado deste modo.

Há uma pequena história ... Eu gosto muito de pequenas histórias. Heidegger tinha o hábito de dizer que "quando não se consegue pensar, conta-se uma história", e isso esmagou-me. É a coisa mais cruel que se pode dizer. Ele tem toda a razão, porque quando não se tem uma pensamento sistemático - e eu provavelmente não tenho -, conta-se uma história.

O castelo real na Escócia, onde, por exemplo, foi educada a rainha-mãe, chama-se Glamis. Tem cerca de duzentas janelas, e, para saber quantos aposentos tem, decidiram colocar uma vela em cada janela. Uma ideia muito simples, muito bonita. Há sempre uma janela que fica sem uma vela. Por mais tentativas que se façam em visitar todos os aposentos. Vejo nisso uma obsidiante imagem e bela ilustração. Por mais árduas que sejam as tentativas, haverá sempre uma janela sem uma vela.

Wim Kayzer. But in your childhood, it was frightening?

Wim Kayzer. Mas na sua infância, isso era assustador?

George Steiner. Frightening and exciting ...

George Steiner. Assustador e excitante ...

Wim Kayzer. “There was simply too much to everything”. Details with no end. You wrote that it also generated fear. Why, for heaven’s sake, why did you make lists of everything in the world? Castles, knights ...

Wim Kayzer. "Pura e simplesmente, havia demasiado de cada coisa". Pormenores infundáveis. Você escreveu que isso também lhe provocava medo. Porque é que fazia listas de tudo o que há no mundo? Castelos, cavaleiros ...

George Steiner. ... Popes, anti-Popes, particularly anti-Popes. An attempt probably to master that fear. To say: “I can get it right”...

George Steiner. ... Papas, anti-Papas, especialmente anti-Papas. Provavelmente numa tentativa de controlar o medo. Para dizer: "Eu sou capaz de fazê-lo"...

Wim Kayzer. But what was the fear? That you didn’t have the world under control?

Wim Kayzer. Mas qual era o medo? De que não tivesse o mundo sob controle?

George Steiner. Deep in the subconscious there must have been a sense of otherness, that however well you try to study and understand the world, it will escape you, that there will always be a strangeness. This is the late nineteen thirties, before the word “strangeness” enters modern physics, before the word “singularity”, and the word “black hole”. But I had some intuitive sense that in life, in the substance of the world ...

I come from a very voltairian, Judeu-rationalist tradition which believed, absurdly perhaps, absurdly perhaps, in the almost infinite power of human reason. When

Karl Marx said - in one of the most deeply rabbinical things he ever said – “humanity only asks the questions when it is ready to find the answers”, he was wrong, but what a noble error! He was wrong, but in his time, in a certain optimistic liberal world of imagining, it looked as if that were a true promise.

George Steiner. No fundo do inconsciente deve ter sido o sentimento de alteridade, de que por mais que se tente estudar e compreender bem o mundo ele escapar-nos-á, de que haverá sempre uma estranheza. Isto passa-se no fim dos anos trinta, muito antes da palavra "estranheza" ter entrado no domínio da física moderna, muito antes da palavra "singularidade", da palavra "buraco negro".

Eu venho de um tradição muito voltairiana, judaica-racionalista, que acredita - talvez absurdamente, talvez absurdamente - no quase infinito poder da razão humana. Quando Karl Marx disse, na que deve ser a mais rabínica das suas afirmações, que "a humanidade só faz as perguntas quando está pronta para encontrar as respostas", ele cometeu um erro, um nobre erro, mas, no seu tempo, naquele mundo de imaginação otimista e liberal, foi como se tivesse sido uma verdadeira promessa.

Wim Kayzer. If you look back at your childhood, that fear of not having the world under control, that nothing could ever be complete, this fear, how is your attitude towards it now? Very different or slightly different?

George Steiner. Slightly different: (a) I accept it; I am resigned to the obvious fact; (b) I now realise that exhaustive, analytical footnotes of life do not necessarily contain the truth one is looking for. I know that. And one of the things that changed my whole outlook, which is not in the little book, is the following.

I was briefly a guess professor in China and I met some of the archaeologists who have been digging up these unbelievable armies of terracotta, ten or twelve thousand soldiers, horses, emperors in the tombs of the West, in Szechwan. First they told me that every single figure had a different expression on his face. So I remembered my childhood. “But in that case don’t you want to see them all?” “No, no, we are putting the earth back over large parts of those armies. We are making sure that they are dry and safe. Let them be”. So I said: “Explain that to me”. They said: “Those we have seen are already so wonderful, they fill our scholarship, our imagination, let future generations have the joy of finding the next ten thousand. We tell them where they are. These are enough for us.” That was a very important moment for me. I was deeply moved. The *clichés* about Chinese wisdom and the Chinese sense of time certainly came home to me in a deeply personal way. So now, I say to myself: “Stop running around the libraries. You won’t read those books in your lifetime. Others will have the joy. There are museums you will never see, landscapes in which you will never sit or see the evening light come in. It’s alright, since is it possible for others after you.”

So my fear has shifted, it has shifted into the deliberate vandalism and destruction of our planet, of our resources; it has shifted to the question: “will our children and grandchildren ever be able to see what we have not?” If I can believe that they will, there is a lot of consolation. But that Chinese wisdom is really worth thinking about, very, very hard. We would bring the bulldozers and get all those armies out and into the museums as fast as possible or, at least, we would say we

have to photograph all them immediately. There is, in the Chinese sense of leaving them unseen, a great confidence, a great maturity and a great sense of peace.

Wim Kayzer. Lançando um olhar retrospectivo sobre a sua infância, como encara agora esse medo de não ter o mundo sob controle e de não poder completar nada, qual é a sua atitude perante esse medo? Muito diferente ou ligeiramente diferente?

George Steiner. Ligeiramente diferente: a) aceito-o, estou resignado ao facto óbvio; b) compreendo agora que exaustivas notas de rodapé analíticas não contêm necessariamente a verdade que se procura. Sei que é assim. E uma das coisas, que não se encontra referido em *Errata*, que mudou completamente a minha maneira de ver foi o seguinte: durante uma breve temporada em que estive na China como professor convidado travei conhecimento com alguns dos arqueólogos que estavam a escavar os túmulos ocidentais, em Setsj'wam, daqueles inacreditáveis exércitos de terracota, de dez, doze mil soldados, cavalos, imperadores. Primeiro disseram-me que cada uma daquelas figuras tinha uma expressão facial diferente. Lembrei-me então da minha infância. "Mas, nesse caso, não desejam vê-las todas?" "Não, não, estamos a recolocar a terra sobre grande parte daqueles exércitos. Asseguramo-nos que ficam sem humidade e em segurança. Deixá-los estar." E eu disse-lhes: "Expliquem-me isso." E eles responderam-me: "Aquelas que vimos são já tão maravilhosas, ocupam já tanto o nosso estudo, a nossa imaginação, que deixamos às futuras gerações a alegria de encontrarem os próximas dez mil. Dizemo-lhes onde é que se encontram, e, para nós, isto chega". Foi para mim um momento muito importante. Fiquei profundamente sensibilizado. De modo muito pessoal, vieram-me irresistivelmente à mente os *clichés* acerca da sabedoria chinesa e da percepção chinesa do tempo. Mas agora digo para mim mesmo: "Pára de andar às voltas nas bibliotecas. Na tua vida não lerás esses livros. Outros terão esse prazer. Há museus que nunca visitarás, paisagens que não contemplarás ou em que não verás pousar a luz da tarde. Está certo, desde que isso seja possível para outros, depois de ti".

Portanto, os meus temores mudaram e orientaram-se contra o vandalismo e contra a destruição deliberada do nosso planeta, dos nossos recursos, orientaram-se para a questão de saber se os nossos filhos e netos alguma vez conseguirão ver aquilo que nós não vimos. Sinto um grande consolo em poder acreditar que o farão. Esta sabedoria chinesa é verdadeiramente digna de ser meditada. Nós haveríamos de trazer os *bulldozers* para arrancar aqueles exércitos e colocá-los o mais rapidamente possível nos museus, ou, pelo menos, diríamos que tínhamos de os fotografar imediatamente a todos. Há na lição chinesa de os deixar ocultos uma grande confiança, uma grande maturidade e um grande sentido de paz.

George Steiner. I think we are what we remember. And what we have within us, they can't take away from you. Let me explain exactly what I mean. We've learned in our century that they can take everything away from you, your house, your family, your livelihood, that we are all wanderers, more or less hunted, on this earth. I will define the history of this century [as being one in which] now hundreds of millions of people in Africa, in the Balkans, Southeast Asia, soon in other places, are becoming Jews – quote, unquote – that is to say, are becoming

hunted or hunters. What you carry with you, the bastards can't touch. They tell a true story of one of the camps, Birkenau. There was a librarian, from one of the important, great Polish Jewish seminaries. A man of those Tora, talmudic memories, not so rare in that culture. He knew the five books of Moses by heart, of course, but also much of the *Talmud*, the *Midrash* and the *Mishnah*. And in the camp, he said to people: "If you need to look up something, come and look up in me. Open the book of myself". Magnificent image. "I am carrying it with me, and you can check. And don't worry that you've lost all books. Look me up". It's a story which Kafka might have found, it's one of the lasting parables. Much less dramatic, in the Old Testament, in the Prophet Ezechiel, God dictates to the prophet a text and then says: "I want you to eat the scroll." Be careful, "eat" is "eat" in Hebrew, there's nothing metaphorical. Put it in your mouth and you eat like a spy eats a secret message, we are told in spy novels. And the surprised prophet does it, and of course the meaning is [that] it becomes part of you, it becomes totally part of you. The great Elizabethan playwright, Shakespeare's rival, Ben Johnson, will use the verb "ingest" like digest, but it is more powerful. You "ingest" [and] it becomes fibre of your fibre, heart of your heart, *cor cordis sursum*, and it will stay with you. And suddenly you realise that the house of your own inside has wonderful furniture. Most of us don't create very much. So, to be able to find in our house a company of the master's spirits, the great spirits, Milton called them "the life blood of the master's spirits", means you come to a very full house.

Well we've got to quote, we've got to quote, we've got to tell a great story, which will answer your whole question and which I hope you will not cut out [just] because it doesn't concern me. But it's one of the touchstones of civilisation.

In 1937, in the Soviet Writers Congress - it was the worst year, one of the worst years, one disappeared like flies, everyday - they told Pasternak: "if you speak they arrest you, and if you don't speak, they arrest you for ironical insubordination". Two thousand people there. Jdanov on the platform - this Stalinist killer, police killer. And it was a three day meeting, every speech was thanks to brother Stalin, thanks to father Stalin, thanks to the Leninist-Stalinist model of truth. And not a word from Pasternak. On the third day, friends said to him: "Look, they are going to arrest you anyway, please, maybe you should say something for the rest of us to carry with us." Now, he was over six feet, as you know, incredibly beautiful, and when Pasternak got up everyone knew. He gets up. I'm told you could hear the silence till Vladivostok. And he gives a number. A number. And two thousand people got up. It was a number of a certain Shakespeare sonnet of which he had done a translation which the Russians say is [along] with Pushkin one of their greatest texts. "When I summon up remembrance of things past", a sonnet of Shakespeare on memory, and they recited it by heart, the two thousand people, the Pasternak translation. It said everything, it said: "you can't touch us, you can't destroy Shakespeare, you can't destroy the Russian language, you can't destroy the fact that we know by heart what Pasternak has given us". And they didn't arrest him. It's one of the very great stories. "When to the sessions of sweet silent thought / I summon up remembrance of things past" . "The sweet session of silent thought". I am told that in Russian it is even as magical, as magical.

Well, in that case the sons of bitches don't arrest you, or if they do, it is too late. The other people have your treasure with them, nobody can arrest everybody. Mandelstam's poems were all confiscated, and Nadezda, his wife, taught one poem

to ten people, that means that for sixty poems, six hundred people had them, the ten taught them to ten and they were safe. Nothing could stop it. This, I think, is the deepest form of publication that we can possibly have, it is the publication of the human soul. So, yes, it is central to my techniques, to my teaching, to my beliefs, to the way I work, to what I am. Remember, I belong to a people [to whom], in modern times, it was said: "Nothing will remain of you, not even ash". And it is perfectly correct that millions of the names are gone and no one knows where they are, because they are ash in the wind, they cannot even be buried or visited. The Nazis said: "The memories of memory will be gone". So, the answer is, "No. You almost did, but not quite".

George Steiner - Eu penso que somos o que nos lembramos. E penso que não nos podem roubar o nosso íntimo. Permita-me explicar. No nosso século, ficámos a saber que nos podem tirar tudo, a casa, a família, o sustento, e aprendemos também que todos nós vagueamos mais ou menos nesta terra como presas de caça. Eu definiria a história deste século como aquela em que centenas de milhões de pessoas, em África, nos Balcãs, no sudoeste Asiático e em breve noutros lugares, passaram a ser judeus - entre aspas - isto é, passaram a ser presas de caça ou caçadores.

Mas, no nosso íntimo, os patifes não conseguem tocar. Há uma história que se conta, e que é verdadeira, passada num campo de concentração, em Birkenau, com o bibliotecário de um dos maiores e mais importantes seminários judeus polacos. Era um desses homens, não tão raros assim naquela cultura, com uma memória de Tora, talmúdica. Sabia evidentemente de cor os cinco livros de Moisés, mas também muito do *Talmude*, o *Midrash* e o *Mishnah*. E, no campo de concentração, ele dizia às pessoas: "Se precisarem de consultar algo, venham ter comigo e consultem-me. Abram o livro do meu ser." É uma imagem magnífica. "Trago comigo o Livro e vocês podem consultá-lo. Não se preocupem por vos terem tirado todos os livros. Leiam-me". É uma história que Kafka podia ter inventado, uma parábola que perdura.

Muito menos dramática é a história do profeta Ezequiel, no Antigo Testamento. Deus dita ao profeta um texto e diz-lhe: "Come o pergaminho". Atenção, em hebraico "comer" é "comer", não tem nada de metafórico. Põe-se na boca e, tal como nos romances de espionagem, come-se, como um espião come uma mensagem secreta. E, surpreendido, o profeta come o pergaminho. Claro que isso significa que passou a participar totalmente dele. Ben Johnson, o grande dramaturgo Isabelino e rival de Shakespeare, usaria a palavra "ingerir", que tem um sentido mais forte do que "digerir". Ingera-se, torna-se fibra da nossa fibra, coração do nosso coração, *cor cordis sursum*, e passa a ser parte de nós. E, subitamente, damo-nos conta que o nosso lar interior está magnificamente mobilado. A maioria de nós não cria por aí além. Podermos encontrar no nosso lar a companhia dos grandes mestres, "o sangue da vida dos espíritos dos mestres", como disse Milton, significa, portanto, habitar uma bela morada.

E temos de citar, temos de citar, temos de contar uma grande história, que responde completamente à sua pergunta, e que eu espero que você não corte por não ter directamente a ver comigo. É uma das pedras de toque da civilização.

Em 1937, no Congresso dos escritores soviéticos - foi o pior ano, um dos piores, todos os dias desapareciam pessoas como moscas - disseram a Pasternak: "se tu falas, eles prendem-te, e se tu não falas, eles prendem-te, por insubordinação irónica". Estavam presentes duas mil pessoas, e Jdanov - esse estalinista assassino, esse polícia assassino - no palanque. O encontro durou três dias, e cada discurso era "obrigado ao irmão Estaline", "obrigado ao pai Estaline", "obrigado ao modelo de verdade leninista-

estalinista". E nem uma palavra de Pasternak. No terceiro dia, os amigos disseram-lhe: "Não tens hipóteses, eles vão prender-te. Por favor, seria bom que todos te ouvíssemos e que disseses algo que pudesse ficar para sempre connosco". Como sabe, ele era alto, tinha mais de um metro e oitenta, e era incrivelmente belo. Quando Pasternak se levantou, toda a gente percebeu. Ele levanta-se - dizem-me que se pôde ouvir o silêncio até Vladivostok - e diz um número. Um número ... E as duas mil pessoas levantam-se. Era um número de um soneto de Shakespeare, de que ele tinha feito uma tradução, e que os russos dizem ser, com a tradução feita também por Puchkin, um dos seus maiores textos literários. "Quando sinto a lembrança de coisas passadas", um soneto de Shakespeare dito de memória. E todos o recitaram de cor, as duas mil pessoas, na tradução de Pasternak. Ficou tudo dito. Ficou dito: "Vocês não nos podem tocar, vocês não conseguem destruir Shakespeare, vocês não conseguem destruir a língua russa, vocês não podem destruir o facto de que sabemos de cor o que Pasternak nos deu". E não o prenderam. É uma grande história. "Quando sentado em meu silente pensar / sinto a lembrança das coisas passadas" ... "Quando sentado em meu silente pensar". Dizem-me que em russo é igualmente mágico, igualmente mágico.

Bom, neste caso os patifes não conseguiram prender, ou se tivessem conseguido era demasiado tarde. Outras pessoas tinham consigo o tesouro e ninguém pode prender toda a gente. Os poemas de Mandelstam foram todos confiscados, e Nadezda, a esposa, deu a conhecer um poema por cada dez pessoas, o que significa que para sessenta poemas haveria seiscentas pessoas que os conheciam, e assim se salvaram. Nada pôde impedi-lo. Creio que esta é a mais indelével forma de publicação que se pode imaginar, a publicação da alma humana.

Portanto, sim, tudo isto é central para as técnicas que eu utilizo, para o meu magistério, para as minhas crenças, para o modo como trabalho, para o que eu sou. Eu pertença a um povo a quem disseram nos tempos modernos: "De vocês nada há-de ficar, nem mesmo cinza". E é absolutamente verdade que milhões de nomes se foram e ninguém sabe onde eles estão, porque são cinza levada pelo vento. Nem sequer podem ser enterrados. Os Nazis disseram: "A memória das memórias desaparecerá". E a nossa resposta é: "Não, vocês quase conseguiram, mas não completamente."

Wim Kayzer. In Chicago, there was one evening when you read for the first time *Sein und Zeit* of Martin Heidegger. How important was that experience? If we talk of beauty and consolation, and cultivating the most beautiful and the most consoling elements of life?

George Steiner. I have to stop you at the word "read". I tried to read. What happened was a very wise rule by the great Chancellor of the University, Robert Hutchins. Undergraduates were allowed to sit in graduate seminars, [but the rule was] that they did not open their mouths. A brilliant idea. So the doctoral students were around the table and the few undergraduate against the wall, keeping quite. Wonderful idea. And Leo Strauss walked in and said: "In this seminar the name of – and he give a name – who is strictly incomparable, will never be mentioned". The phrase "who is strictly incomparable" ("unvergleichlich") (CHECK) went through me like a knife. I remembered that to this day. But I didn't understand the name. (...) American graduate students, differently from many of us in Europe, are really very nice, they are very nice human beings. So I went up to one of them, I

apologised, I said: "I'm terribly sorry, what was the name?" "I will write it down for you. Martin Heidegger – two g's, e, r." I ran to the library, I ran with the words "who is strictly incomparable". I didn't know why he couldn't be mentioned, I knew nothing about his background, of course, and I took out *Sein und Zeit*. And sentence 1 was the end of my hopes. This is literally true. I was a very arrogant little boy, and most books I could handle, or I believed I could handle. Sentence 1 – no, sentence 2 - hopeless. I stared at it and I stared at it, and said "One day I will try and understand it, but I am not giving the book back yet". Its physical presence in the little dormitory room seemed to me to say: "What you can't yet understand, what maybe will change your life if you do understand it, what you may never understand, what you must try to wrestle with is like Jacob and the Angel wrestling the whole night".

I deeply believe that there is no harm in trying what you can't yet cope with. In America they have a very good image for that from the sport of baseball, "pitching above your head". When the ball is too quick and just over your head, you can't quite handle it yet. No harm. In a great university, in a great family, in a school, among your friends, you will be introduced to things beyond your reach as yet, and your fingers will try to reach and reach, like they teach mountaineering, rock climbing. You say "I can't reach that next crack, I am going to fall, my fingers are too short, my toes are slipping, my hands are getting paralysed". And suddenly the nails go into the crack and you hold, you hold. You aren't yet able to pull yourself up, but even when you just hold on something very important has happened. That was my encounter with that text.

Wim Kayzer. Uma noite em Chicago leu pela primeira vez "Sein und Zeit" (O Ser e o Tempo) de Martin Heidegger. Qual foi a importância dessa experiência, considerando que estamos a falar de beleza e consolação e em cultivar os mais belos e consoladores aspectos da vida?

George Steiner. Tenho de o corrigir na palavra "leu". Tentei ler. O grande reitor da Universidade de Chicago, Robert Hutchins, criara uma norma muito sábia, segundo a qual os alunos do curso geral estavam autorizados a assistir aos seminários de pós-graduação na condição de não abrirem a boca. Uma ideia brilhante. Os alunos doutorandos sentavam-se à volta da mesa e os poucos alunos do curso geral ficavam, em silêncio, encostados à parede. Uma ideia maravilhosa. E Leo Strauss entrou e disse: "Neste seminário, o nome de - e disse o nome -, "que é estritamente incomparável, jamais será mencionado". A frase "que é estritamente incomparável" - "unvergleichlich" - atravessou-me como uma faca. Ainda me lembro como se fosse hoje. Mas não compreendi o nome. Sucede que os estudantes de pós-graduação americanos, ao contrário de muitos de nós na Europa, são realmente muito simpáticos, são seres humanos muito simpáticos. Dirigi-me, por isso, a um deles e disse-lhe: "Peço-lhe imensa desculpa, mas qual foi nome?" "Eu anoto-lhe: Martin Heidegger, dois "guês", "e", "r"". Corri para a biblioteca, corri com as palavras "que é estritamente incomparável". Não sabia porque é que o nome não podia ser mencionado, não sabia evidentemente nada do contexto, e retirei "Sein und Zeit". E a primeira frase foi o fim das minhas esperanças. Isto é a verdade literal. Eu era um rapazinho muito arrogante, e conseguia compreender a maior parte dos livros, ou julgava que conseguia compreender. Primeira frase, nada. Segunda frase, perdi as esperanças. Olhava e voltava a olhar para o livro, e dizia para mim: "Um dia hei-de tentar e hei-de compreender, mas

não vou devolver já o livro". A sua presença física no pequeno dormitório parecia querer dizer-me: "O que ainda não consegues compreender, o que talvez há-de mudar a tua vida se compreenderes, o que talvez nunca venhas a compreender, a luta que tens de travar, é a luta travada ao longo da noite de Jacob com o Anjo".

Creio firmemente que não há mal nenhum em se insistir no que ainda não se consegue compreender. Na América há uma excelente imagem desportiva do *baseball* para explicar isto: "bolar acima da cabeça". É uma bola que passa velozmente, mesmo acima da cabeça, e que não é ainda possível agarrar. Não há problema. Numa boa universidade, numa família excepcional, numa escola, entre amigos, podemos ser introduzidos em matérias que estão além do nosso alcance e que, tal como ensinam no montanhismo e no alpinismo, procuramos agarrar firmemente com os dedos. Dizemos então: "Não consigo agarrar aquela fenda, vou cair, os meus dedos são demasiado curtos, os meus pés estão a escorregar, os meus braços estão a ficar paralisados". Porém, subitamente, as unhas agarram-se à fenda e consegues aguentar-te. Aguentas-te. Ainda não consegues içares-te, mas algo muito importante aconteceu só pelo facto de te teres agarrado. Assim foi o meu encontro com esse texto.

Steiner, stands in front of a reproduction of a painting, ready to give us his interpretation of it.

George Steiner. "Le philosophe en lisant" of Chardin. In one single painting, it seems to me to incorporate every single aspect of what I've tried to do in my work, I've tried to teach as a teacher, and simply as an ordinary human being concerned with the miracle and mystery of reading. I want to show you the different features. He is beautifully dressed. In fact, this fur hat and the wonderful fur coat, some have said it is meant to suggest the solemn clothes of a rabbi on a high holiday. We don't know. There is such a suggestion, as there is in Rembrandt pictures which have, of course, influenced Chardin. I like to read it differently. He is meeting his best friend, namely the author of the book, and when you meet a great friend you dress well, like we love to wash our hands before meeting a friend. You do him the Italian word *cortesia*, the courtesy of heart of saying: "Welcome into me, welcome into the home of myself. I am ready to receive you". He has his pen next to what he's reading. Serious reading means to read with a pen in your hand. What you do with a pen? You underline, you take notes on the page, you write around the margin. What are you really doing? You are in dialogue with the book, you are answering it, you are speaking to it, and if you are very arrogant and very ambitious you are saying secretly: "I can write a better one". And that is the beginning of a certain relationship of passionate joy and love with the text. I hope our viewers can see there are a number of heavy coins, beautiful Roman coins, here. They were used in that period to put weight on the page because in these great folios (...), with humidity and with time, the page would bend, and so you put on it a heavy metal weight. But Chardin means much more. He's having great fun. He remembers that, in Latin poetry, literature has this boast: "I will last longer than bronze, I will last longer than the portrait of any emperor". Horace: "Exegi monumentum aere perennius". "I will outlive the proudest monument. Ovid says: "Marble and bronze and granite will not last as long as these words on the page". So, he is having fun, Chardin. He says: "Ah, these wonderful metals are of ancient times perhaps, monuments of history, but compared to the life of the word they are

quite ephemeral". They simply keep the page down for a while. Behind him are mysterious instruments of alchemy, as if he were a magician. Why is he a magician? Because when we read through the power of imagination, there is alchemy. There are little signs on the page, and suddenly it's Hamlet, it's Madame Bovary, it's Don Quixote, it's Falstaff. What is this alchemy of magic where we collaborate with the author in giving to these little signs on the paper an immortal presence? No one has fully understood this. It needs reader and writer, we know that. It is like alchemy : something that will turn into gold, a mixture of chemicals, chemical interaction behind deep centres in the imagination, language. And suddenly something is created which will outlive its author, the book, our own life. At the end of his life, dying of stomach cancer, Flaubert screams: "That whore, Emma Bovary, is alive for ever and I am dying like a dog!" It's one of the most terrible things a great artist as ever said. It's wonderfully arrogant. He is right, Emma Bovary will live forever. And it's full of a deep mystery of hatred. How can it be that that the creator dies like a dog and this – this what? – this "fantastication" on a page, is walking across the earth immortally and will not die? The persona of this man – we are told he was a Dutch friend of Chardin, himself an artist – it has become very funny. There have been delightful lectures, essays and articles on my book about this painting, where they all say "But Steiner is a complete fool if he doesn't realise it's a portrait of him". This is becoming very amusing in England. People look at it and say: "It's he". I had never – I swear to you, but that is good naivety, obviousness – I had not seen it until people claimed that, quite obviously, it's almost [a] photographic [likeness]. I don't know whether it is, but I can now begin to see that it does resemble me rather closely. I wish I had seen it, because there are many, many famous paintings of readers from Holbein's *Erasmus*, the countless reproductions of Hieronymus to Van Gogh and Picasso *Les Liseurs et les Liseuses*. Now perhaps I know why I picked this, but it was subconscious, it was a subconscious act of autobiography. If there is a resemblance, the whole story becomes even more amusing, and it not to be taken too seriously. Each of these things, in turn, has disappeared from our lives: the private library, the great books, the folios, the ceremonious way of approaching the act of reading, the pen or pencil constantly in your hand, the sense of silence. Chardin can paint silence. There aren't many painters who can do it. Vermeer supremely. Vermeer even more, because there is always a musical instrument, which means that the painting of silence is even more subtly emphasised. Chardin can make the light say "silence" to you. And it does in this absolutely glorious painting, which is in the Louvre. And on each visit to Paris, I go to meet my friend just to make quite sure he hasn't turned the page. He's taking his time.

Wim Kayzer. Has your imagination about what he is reading been changed ?

George Steiner. It's a lovely question. The size of the book, the whole atmosphere suggests possibly an atlas, a book of botany, possibly a book of anatomy because of the scientific instruments. It is clearly a very serious reading, and Chardin has captured the loveliness of concentration. And, again, it's what the masters teach us. "Concentration", said Malebranche, a French philosopher of the time, "is the natural piety of the soul". This I always try to get my students to never forget. Concentration, attention is "the natural piety of the soul". You don't have to be at prayer to be pious. You are already very pious when you concentrate on something

difficult and fascinating and try to let it enter into you. We take it so much for granted – the power of imagination from a page. It leaves me always profoundly astonished.

The misty light where you see the velvet of the curtain. The texture of such a painting. The texture of the paper, of the binding, of the whole civilisation of the world of the book, a civilisation to which we owe the images of the Book of Life, the Book of Revelation, and, perhaps [in the final analysis] – as when the French modernist, symbolist poet, Stéphane Mallarmé asks: “What is the aim and object of the universe?” – le Livre” with a capital L, the book of all books, the book which will contain all books and the sum of human life and which then, as the Bible has it, we will shut and the seven seals will close it.

Steiner, de pé, diante da reprodução de um quadro, está prestes a dar a sua interpretação.

George Steiner. "Le philosophe en lisant" (O filósofo a ler) de Chardin, pintura numa só tela, parece-me incorporar cada aspecto singular do que tenho procurado realizar no meu trabalho, do que tenho procurado ensinar como professor ou como simples ser humano intrigado com o milagre e o mistério da leitura. Desejaria mostrar-lhe as suas diferentes características. Ele [o filósofo] está vestido a rigor. Na verdade, há quem considere que este chapéu e este magnífico casaco feitos de pêlo de animal pretendem sugerir as roupas solenes próprias de um rabi numa festividade religiosa. Não sabemos. Há essa sugestão, também presente nos quadros de Rembrandt, que influenciaram nitidamente Chardin. A leitura que faço é diferente. Ele [o filósofo] encontra o seu melhor amigo, o autor do livro, e, quando encontramos o nosso melhor amigo, vestimo-nos a preceito, tal como também lavamos as mãos antes de o cumprimentarmos. Fazemos-lhe *cortesia*, no sentido da palavra italiana, a cortesia do coração, e dizemos-lhe: "Bem-vindo sejas, bem-vindo à casa do meu ser. Estou pronto para te receber". Ele tem uma caneta junto ao que está a ler. Uma leitura séria implica que se leia com uma caneta na mão. E o que se faz com uma caneta? Sublinha-se, fazem-se anotações na página, escreve-se em redor das margens. Mas, na realidade, o que se está a fazer? Está-se a dialogar com o livro, a responder-lhe, a falar-lhe, e quando se é muito arrogante e muito ambicioso dizemos em segredo: "Eu consigo escrever um melhor". E este é o princípio de uma relação de paixão, de alegria e de amor com o texto. Espero que os espectadores consigam ver que há um conjunto de moedas maciças, lindas moedas romanas. Eram utilizadas naquela época para fazerem peso sobre as páginas. Estes grandes fólhos, com a humidade e com o tempo, enrolavam, e, portanto, punha-se-lhe em cima um peso metálico. Mas Chardin comunica-nos muito mais. Está a divertir-se imenso. Ele recorda-se que na poesia latina a literatura faz alarde em dizer: "Eu hei-de durar mais do que o bronze, mais do que o retrato de qualquer imperador". Horácio: "Exegi monumentum aere perennius". Eu hei-de sobreviver ao monumento mais imponente. E Ovídio diz: "Mármore e bronze e granito não hão-de durar tanto como estas palavras sobre a folha." Chardin está, portanto, a divertir-se. Ele diz: " Ah, talvez estas lindas peças de metal sejam antigas, sejam monumentos da história, mas, comparadas com a vida das palavras são bastante efémeras. O filósofo mantém temporariamente a página aberta. Atrás de si estão misteriosos instrumentos de alquimia, como se ele fosse um mágico. Porque é que ele é um mágico? Porque há alquimia quando lemos com o poder da imaginação. Há uns pequenos sinais na folha de papel e, repentinamente, são Hamlet, são Madame Bovary, são D. Quixote, são Falstaff.

Qual é a magia da alquimia, como é que colaboramos para darmos presença imortal a estes pequenos sinais na folha de papel ? Ninguém compreende inteiramente como isso acontece. Sabemos que é preciso leitor e escritor. No fim da sua vida, a morrer de um cancro no estômago, Flaubert grita : "Aquela prostituta - putain -, Emma Bovary, viverá para sempre e eu morro como um cão!" É uma das coisas mais terríveis jamais ditas por um artista. É de uma espantosa arrogância - ele tem razão, Emma Bovary viverá para sempre - e de um profundo ódio misterioso. Como é possível o criador morrer como um cão e esta, esta quê?, esta "fantasticção" numa página continuar a caminhar pela terra, sem morrer ?

A imagem da pessoa deste homem - a de um amigo de Chardin, ele também artista, segundo julgamos saber - tornou-se muito engraçada. Têm-se feito palestras, ensaios e artigos engraçadíssimos a propósito do livro que escrevi sobre este quadro. Todos dizem: "Mas o Steiner é completamente tolo se não se apercebe que se trata do seu retrato". Tornou-se uma história muito divertida em Inglaterra. As pessoas vêem o quadro e dizem: "É ele". É óbvio que se trata de uma grande ingenuidade, mas juro-lhe que nunca me tinha apercebido até as pessoas começarem a dizer que se tratava quase de uma fotografia. Não sei se é, mas comecei a ver nele pareenças comigo. Quem me dera tê-las visto antes, até porque existem muitos outros quadros de leitores, do *Erasmus* de Holbein, às incontáveis reproduções de Hieronymus [Bosh] e Van Gogh, aos *Liseurs e Liseuses* de Picasso. Agora talvez já saiba porque escolhi este. Mas foi inconscientemente, foi um acto autobiográfico inconsciente. Esta história torna-se ainda mais divertida, caso existam de facto pareenças, e não é para levar a sério.

Cada um destes objectos, por seu turno, desapareceu das nossas vidas: a biblioteca particular, os livros de grandes dimensões, o fólho, o modo cerimonioso de aproximação ao acto de leitura, a caneta ou o lápis permanentemente na mão, o sentido do silêncio. Chardin consegue pintar o silêncio. Não há muitos pintores que o consigam. Vermeer superiormente, Vermeer acima de todos, porque nos seus quadros há sempre um instrumento musical, o que significa que ele sabia realçar subtilmente a pintura do silêncio. Chardin consegue fazer com que a luz fale em silêncio. E consegue-o neste quadro absolutamente glorioso, que está no Louvre. E, todas as vezes que visito Paris, faço questão em me encontrar com o meu amigo. Só para ter a certeza de que ainda não virou a página. Ele não tem pressa.

Wim Kayzer. Tem uma ideia do que ele está a ler?

George Steiner. É uma bela pergunta. O tamanho do livro, a ambiência geral sugerem possivelmente um atlas, um livro de botânica, provavelmente um livro de anatomia devido aos instrumentos científicos. É evidente que se trata de uma leitura muito atenta, e Chardin conseguiu captar o encanto do estado de concentração. Ouçamos, mais uma vez, o que nos ensinam os mestres: "concentração", diz Malebranche, um filósofo francês do tempo de Chardin, "é a piedade natural da alma". Eis algo que eu procuro lembrar constantemente aos meus alunos. A concentração, a atenção são "a piedade natural da alma". Não se tem de orar para se ser piedoso. É-se já muito piedoso quando nos concentramos em algo difícil e fascinante e procuramos deixar que entre em nós. Abrimo-nos então incondicionalmente à força da imaginação de uma página. O que me deixa sempre profundamente surpreendido.

A penumbra da luz em que se vê o veludo da cortina, a textura desta pintura, a textura do papel, da encadernação, é toda a civilização do livro. Uma civilização a que devemos a imagem do Livro da Vida, do Livro do Apocalipse, [a que devemos] por fim a imagem - do poeta simbolista e modernista francês, Stéphane Mallarmé, quando diz:

"Qual é o fim e o objecto do universo? - le Livre", com um L maiúsculo - do Livro dos Livros, o Livro que há-de conter todos os livros, a sùmula da vida humana, que fecharemos, e que, tal como vem na Bíblia, será encerrado com os sete selos.

George Steiner. Dante saw Beatrice when she was nine years old and that was it, the whole universe. I believe totally. It makes entire sense to me. The Greek word is "anagnosis", strange word, the shock of recognition. The comet's light, the flash, the sunlight in your body. This is it. It happens you are on a street corner, you enter into a shop, you see someone, a shadow on a wall. Does it happen twice? We don't really know. Plato, Dante, Proust, some other ultimate masters of the meditation on Eros suggest it happens once and that our later love experiences are a compromise, a "mimesis", an "imitatio", an attempt to recapture it. Other men say. "No, the great love of my life came very late, it was totally different from [that of] my youth".

I've been immensely fortunate, fortunate beyond words, in these moments, epiphanies – Joyce's great word, "epiphany" – when the light shines through life. They have left me not with a sense of utter regret, because, for instance with that first young woman there never was a relationship – she saw quite rightly that I was a ridiculous goose – and a number of times in my life, it's been only a moment, each one of them has built, I believe, towards my marriage with a very remarkable woman – we now have been together forty-five years – and with the acceptance of a seemingly dark word. Allow me a few moments, because we're touching on something very central.

One of the sayings that guides my life is by the great poet Rilke. Rilke says that when there has been a deeply happy love, later on "one becomes the loving guardian of the other's solitude". Such depth! Eros does not last for ever, passion does not last for ever. I believe, contrary to Freudian exaggerations, that sexuality, powerful, wonderful, miraculous [it is], is only one of many fundamental forces, and for many human beings not the most important, but to become "the loving guardian of the other's solitude", you move into friendship, love moves into supreme friendship, and it maybe that friendship is finally more important than love. Montaigne said this. It is one of the great taboos in our culture. The Greeks knew this. There are moments in Keats's letters when he says it. Very few dare to say it. The sacredness of friendship, the inviolate elective affinity. "Wahlverwandtschaften". What does Montaigne say about La Boétie? "It's because she is she and I am I". There is no explanation. That great definition of the French. It can be between a man and a woman. And if a marriage flows into friendship, one has been blessed beyond words. Then the earlier epiphanies have flourished, maturing into something enduring. I cannot imagine my existence without being in love in a certain sense, that is to say, I associate love with the future tense. Nothing mystical in this. Please, please, let me argue for its simplicity, for its concrete meaning, nothing mystical. We don't know whether the animals have a future tense: "tomorrow". We do. We can do something which is unbelievable. Astronomers speak about one billion years from now and give exact prediction. You and I can speak about the Monday morning after our funeral, what kind of day will it be, what will be the restaurant's "plat du jour", what will be going on in the politics of the Labour party ...

Wim Kayzer. Who will talk about us ...

George Steiner. ...Who will talk about us. The future tense. To be in love is to have a future tense, is to think things have a meaning tomorrow, that you are moving towards another human identity, a real presence, and that what you think, what you do when you brush your teeth in the morning is rather different. There is a wonderful poem by Robert Graves, and to explain to our viewers we come back to Homer, one always comes back to Homer. The great eighteenth century English translator Pope did a wonderful Homer, but a little stiff. And what English children love are non-sense rhymes by Edward Lear, "The jumblies and the womblies" This little poem says: "We learn Pope's Illiad by rote (which means by drill, by school drill) / We learn Lear's nonsense rhymes by heart / Oh children learn to tell these two apart / And never say that what I wrote in love / I wrote only for love of art." In other words, what you write in love you have learned like the nonsense rhymes. It changes the world.

I can imagine that there are great abstract powers of mind - Wittgenstein would come to mind, Descartes certainly, Aristotle - for whom this is not true, for whom a certain solitude is the absolute condition of systematically going to the deep, deep, deep places of recognition. Are they enviable? I don't know. But I can't imagine myself into their lonely shoes. And I do admire people who are not afraid of being alone. Very much. They again have a reassurance against disaster. Nothing can touch them. And there are really people like that - Pascal is another one - who say: "Unless you can sit totally alone in an empty room, you haven't become a mature complete human being". No, I haven't, no I haven't. I wait for the knock on the door when I am in that room. And I know that to be true. And it's again the limits of one's work and the limits of one's understanding. But when that knock comes, again and again in my life I've heard the foot of the beloved on the stairs before she had entered the house, and that is a true experience. There is a projective passion when the feet are coming closer. Dante knew all about that. Great art knows all about that, music knows all about that. And, yes, it makes one extremely vulnerable, extremely. But I love keeping that wound open.

George Steiner. Dante viu Beatriz quando ela tinha nove anos e foi como se tivesse visto todo o universo. Acredito plenamente que assim foi. Para mim, isso faz todo o sentido. A palavra grega é "anagnosis", palavra estranha, o choque do reconhecimento. A luz do cometa, o clarão, a luz solar no corpo. É isso. Acontece na esquina de um rua, à entrada de uma loja, ao vermos alguém, uma sombra numa parede. Acontece duas vezes? Na verdade, não o sabemos. Platão, Dante, Proust e outros mestres fundamentais da meditação sobre o eros insinuam que acontece uma única vez e que as experiências amorosas posteriores são um compromisso, uma "mimesis", uma "imitatio", uma tentativa de a recapturar. Outros dizem: "Não, o grande amor da minha vida chegou tarde, muito tarde e foi totalmente diferente do da minha juventude".

Eu tenho sido muito favorecido, indizivelmente favorecido. Esses momentos, essas epifanias - a grande palavra de Joyce, "epifania" -, quando a luz atravessa a vida, não me deixaram uma grande mágoa, nem mesmo, por exemplo, aquando da primeira vez com aquela rapariga, com a qual nem cheguei a ter nenhuma ligação, e que percebeu, muito justamente, que eu era um ganso ridículo, nem noutras vezes na minha vida. Cada uma delas foi apenas - assim o creio - um momento específico em direcção ao meu casamento com muma mulher notabilíssima - faz agora quarenta e cinco anos que

vivemos juntos - e com a aceitação de uma palavra aparentemente obscura. Dê-me alguns minutos, porque estamos a tocar em algo central.

Um dos aforismos que orienta a minha vida é da autoria do grande poeta Rilke. Rilke diz que aquele que vive um amor profundamente feliz, torna-se com a idade "o guardião amoroso da solidão do outro". Que visão tão sábia! O eros não perdura para todo o sempre, a paixão não dura eternamente. Acredito, contrariamente aos exageros freudianos, que a sexualidade, uma força poderosa, maravilhosa, milagrosa, é apenas uma de muitas energias fundamentais - e, para muitos seres humanos, não a essencial -, mas tornar-se "o guardião amoroso da solidão do outro" é fluir para a amizade - o amor flui para a amizade suprema. E pode ser que, finalmente, a amizade seja mais importante que o amor. Montaigne disse isso. É um dos grandes tabus na nossa cultura. Os gregos sabiam isso. Há momentos nas cartas de Keats em que ele diz o mesmo. São raros os que admitem dizê-lo. O sagrado da amizade, a inviolável afinidade electiva. "Wahlverwandschaften". O que diz Montaigne de La Boétie? "É porque ela é ela e eu sou eu". Não é possível explicarmos. [Essa afinidade] pode ser entre um homem e uma mulher. E se um casamento flui para a amizade, é-se abençoado para além das palavras. As epifanias florescem, amadureceram para algo duradouro. Não consigo imaginar a minha existência sem me sentir apaixonado num certo sentido. Quero com isto dizer que associo o amor ao tempo futuro. Não há nisto nada de místico. Por favor, por favor, permita-me depor a favor da simplicidade e do sentido concreto do que disse. Não há nada de místico nisto. Nós não sabemos se os animais têm um tempo futuro, um amanhã. Nós temos. Podemos fazer algo que é inacreditável. Os astrónomos falam-nos em um bilião de anos a partir de agora e dão-nos previsões exactas. Eu e você podemos falar sobre a manhã de segunda-feira após o nosso funeral, que espécie de dia será esse, qual será o "plat du jour" da ementa do restaurante, o que é que sucede com a política do partido Trabalhista ...

Wim Kayzer. Quem falará de nós ...

George Steiner. ... Quem falará de nós. O tempo futuro. Estar apaixonado é possuir o tempo futuro, é pensar que as coisas têm um sentido amanhã, que vamos ao encontro de uma outra identidade humana, de uma presença real, e que, por isso, tudo aquilo que pensamos, tudo aquilo que fazemos, quando lavamos os dentes pela manhã, é muito diferente. Há um poema admirável de Robert Graves, e, para explicar aos nossos espectadores o que quero dizer, tenho de regressar ainda a Homero. O grande tradutor inglês do século dezoito, Pope, fez uma magnífica versão de Homero, mas um pouco rígida. Ora o que as crianças inglesas apreciam são as rimas insensatas de Edward Lear, "os mafarricos e os mafarrecos". O pequeno poema é assim: "A Ilíada de Pope saibam-na de cor, / as rimas de Lear com amor. / Saibam, meninos, as duas à parte. / Mas não digam que o que escrevi / escrevi só por amor à arte". Por outras palavras, o que se escreve com amor, aprende-se como as rimas insensatas de Lear. Transforma o mundo.

Eu consigo imaginar que haja grandes mentes abstractas - ocorrem-me nomes como Wittgenstein, certamente Descartes, Aristóteles - para quem isto não é verdade, para quem uma dada solidão é a condição absoluta para se avançar sistematicamente até se chegar aos lugares fundos, fundos, fundos do reconhecimento. Serão tais mentes invejáveis? Não sei. Mas não consigo imaginar-me nos seus sapatos celibatários. Tenho uma enorme admiração pelas pessoas que não temem viver a sós. Mesmo muita. São pessoas que possuem uma confiança renovada contra o desastre. Nada consegue perturbá-las. E há efectivamente pessoas assim. Pascal, uma deles, dizia: "Não és um ser maduro se não conseguires sentar-te a sós num quarto vazio". Não, eu não consigo, eu

não consigo. Espero ainda que me batam à porta, quando estou nesse quarto. E sei que isso é a verdade. Também aqui, são estes os limites do nosso trabalho, do nosso entendimento. Ao longo da minha vida ouvi muitas vezes os passos do ser amado nas escadas a entrar em casa antes de bater à porta. É pura verdade. Há uma paixão projectiva no aproximar dos passos. Dante sabia isso. A grande arte conhece tudo isso, a música também. Sim, é verdade, tornamo-nos extremamente vulneráveis, muito mesmo, mas gosto de manter essa ferida aberta.

Wim Kayzer. Now that we are philosophising about love, there is a beautiful passage in “Errata”: “I have stood through a rain sodden night to catch a glimpse of the beloved turning a corner. Perhaps it was not even she. God have mercy on those who have never known the hallucination of light which fills the dark during such a vigil.”

George Steiner. I totally believe that. People who are immune to these crises – I am sorry for. Perhaps one envies the illness of need which is love, the sense that one is incomplete, that one is as it were limping on one leg of the heart, until one is with the other being, the insane things we do, the phone calls in the night, the trips to the airport, the attempts to guess where the other person is, completely irrational. I think life would be beggarly without them, but I repeat, the great ascetic, the saint, the pure metaphysician, perhaps the great mathematician, has no time for this.

Wim Kayzer. You have.

George Steiner. I have it. And now that I am really very old, it is perhaps becoming worse. I now have beginning to understand Yeats’ great poems about the rage of love in the old. And when Dylan Thomas writes: “Do not go gentle into that good night; / Rage, rage against the dying of the light” he is talking both of his father’s death and of the terror of the eclipse of love. I think when one will no longer have a physical shock at the sight of a beautiful woman passing by, of meeting the eyes of a beloved, then, then the winter will have begun.

Wim Kayzer. Uma vez que estamos a filosofar sobre o amor, deixe-me citar uma bela passagem de "Errata": "Esperei uma noite inteira debaixo de chuva torrencial para ter um vislumbre da amada a dobrar a esquina. Se calhar nem sequer era ela. Deus tenha piedade daqueles que nunca conheceram a alucinação de luz que preenche as trevas durante uma dessas vigílias".

George Steiner. Acredito profundamente nisso. Eu lamento as pessoas que são imunes a estas crises. Talvez seja invejável esta doença da necessidade, que é o amor, que se é incompleto, que se coxeia numa perna do coração até se estar com o outro ser. As coisas insanas que fazemos, os telefonemas a meio da noite, as idas ao aeroporto, as tentativas totalmente irracionais em adivinharmos onde está o outro. Penso que a vida seria

imensamente pobre sem isso. Mas repito, o grande ascético, o santo, o puro metafísico, talvez o grande matemático, não têm tempo para isso.

Wim Kayzer. Você tem.

George Steiner. Eu tenho. Presentemente, com a velhice, parece ter piorado. Comecei a compreender agora os grandes poemas de Yeats sobre a raiva do amor nos velhos. E quando Dylan Thomas escreve: "Não entres devagar nessa suave noite, / Raiva, raiva contra o morrer do dia", ele está-nos a falar quer da morte do seu pai, quer do terror do eclipse do amor. Quando deixarmos de sentir um sobressalto físico por uma mulher bela que passa, ou no encontro com os olhos do ser amado, então é porque o nosso inverno já terá começado.

Wim Kayzer. I quote you: "What other human presence can be stranger to myself than, at times I am", you asked. Did the image of yourself as a stranger to yourself change the last years, getting older?

George Steiner. This is of course, as you know better than I, the attempt to return to the Delphic oracle's commandment that we should know ourselves, or to the subtitle of the book "An Examined life", [and to] the socratic assertion that only an examined life is worth living. Maybe he is wrong, maybe there are too many people who don't present themselves for that exam, because one usually fails, if one is honest with oneself. That's what the word "errata" means. The margin of disappointment is very great and if you are really taught to think and to feel against yourself, which is one of Hegel's greatest teachings – and I am a Hegelian in some senses – the lives one should have led, the other possibilities, get disturbingly vivid, the more you examined what actually has been. And you began thinking of the moments in your life which are unbearably shaming and shameful, which are disgraceful, deeply disgraceful. The moments when you were a coward, or when you betrayed someone close to you or when lied profoundly or when you simply did second rate work, when you know that it was second rate. The last judgement is, first of all, ours. The tribunal is ours. I have a terrible suspicion that the real last judgement in the other world is a group of French professors. I have a real nightmare, and there will be a long line like in the "Baccalauréat" and it will exactly be a French system with 1/18 of a point, sending you to hell. I hope I'am wrong. But somehow in this Kafka world there is Monsieur le Professeur of the Sorbonne, sitting up there waiting for the "Concours", and it is run like a "Concours". I am very worried about that. If it's true, I at least want to be on the jury. But that's my own arrogant and selfish hope.

If you appear in front of the court of your own remembrance and call for consolation, the best consolation is forgetting, and I am a very bad forgetter. I wish I weren't. There are quite awful moments in one's life. But let me step a little away from the anecdote to raise some of the taboo subjects, some of the things people will not face in themselves, why they are strangers to themselves.

In the last few days we have had the dreadful news of the earthquake at Assisi in Italy. In Umbria. And things have been destroyed which I haven't yet seen, or which I have seen, and in the streets, two or three days later, say the journalists, the homeless people were screaming with rage " Why is the whole world talking about one eighth of an inch of a Giotto's fresco or a Cimabue fragment and no one is helping us to live". I have no answer to that. During the war, the British diplomat, Harold Nicholson, was asked: "If you had to choose between the life of your son – who was fighting at Monte Cassino – and the survival of the city of Florence, which would you choose?". And that British scholar and gentleman had the immense courage to transcend honesty to say: "Florence, because though my grief may be unbearable, for centuries to come human beings will still have Florence."

I spent my life, dangerously, dangerously, investing passion in art, literature, philosophy, music and I have certainly not always invested it in human relations. There is a little list I say to myself on very dark nights, it's three in the morning, of the people who have loved their dogs, their animals, more than any human being. It's a very worrying list. It includes Richard Wagner, Nietzsche, Heidegger and Adolf Hitler. But there are many more. I know that – I actually said this publicly and it has caused very great resentment, people say it makes them sick that I've said it – if the torturers were to touch one's wife or children, I believe one could scream to them "Hold out!", because they would know what it was about. I know that if anybody began torturing my dog, I would break in ten seconds and would betray everybody. I know that. I can't defend it, I can't excuse it, I can't explain it, which is even more disturbing. I believe it to be the truth, and it's one of the great taboo truths in modern psychology. But many other examples where one has let down what one knew to be the ideal, for profoundly selfish or ambitious or intellectually luxurious reasons. The exam begins to be very harsh and it is very difficult to answer certain questions. And others will judge as they may wish to judge, but perhaps we let ourselves off sometimes a little too easily in our own sense of self. And when Socrates says "Know thyself.", he meant something full of sunlight like Athens, at twelve o' clock noon, that brilliant light and the blue of the sea. I think he was perhaps a little naive, how dare I say it, but I say it. To really know oneself, like the Montaigne image, is to go down the spiral staircase of the tower into a great darkness, into a Piranesi darkness. It's not all sunlight. But one must try and do it. And unless you are prepared to go down that staircase, then you inhabit a "marionette", you inhabit a "fait commedia" of the self. And no one else can do it for you, no psychoanalyst, no father confessor, no therapist, no crying therapy, no group consciousness exercises in the California uplands, no LSD. You damn well have to try it and do it yourself, sitting alone on a rather uncomfortable chair, with no help, and saying: "Who the hell was responsible for what went wrong? Answer yourself, answer yourself". And to me a great education, the final justification of the education, is if you force yourself down those stairs and if you come up again – certainly damaged, certainly deeply saddened and disturbed – but that you do not take refuge either in blaming others, or in blaming society, or in blaming some organic defect – my God, we will soon have viruses of stupidity – the stupidity is only one's own.

Wim Kayzer. Cito-o: "que outra presença humana pode ser mais estranha para mim do que, por vezes, eu próprio?" É uma pergunta que faz. A imagem que tem de si como um estranho a si próprio mudou nos últimos anos, com a idade ?

George Steiner. Essa frase corresponde, como sabe melhor do que eu, à tentativa de se regressar ao mandamento do oráculo de Delfos, de que devemos conhecer-nos a nós mesmos, e ao projecto socrático referido no subtítulo do livro - "Revisões de uma vida" - de que só vale a pena viver uma vida que é examinada. Talvez Sócrates se tenha enganado, talvez haja demasiadas pessoas que não se apresentam a esse exame, porque habitualmente nele se reprova, quando se é honesto consigo mesmo. É isso que a palavra "errata" significa. A margem de desapontamento é enorme e, quando se aprendeu a pensar e a sentir contra si mesmo, que é um dos grandes ensinamentos de Hegel - e em certo sentido eu sou um hegeliano -, a vida que se devia ter levado, as suas outras possibilidades tornam-se mais inquietantemente vivas, à medida que se examina o que de facto aconteceu. E começa-se a pensar nos momentos da nossa vida em que fomos insuportavelmente indignos e vergonhosos, infames, profundamente infames, os momentos em que fomos cobardes ou quando traímos alguém próximo de nós, ou quando mentimos sem escrúpulos, ou quando simplesmente fizemos um trabalho de segunda ordem, quando sabemos que fizemos um trabalho de segunda ordem. O juízo final é, antes de mais, o nosso. O tribunal é, antes de mais, o nosso.

Tenho uma terrível suspeita que o verdadeiro juízo final no outro mundo é feito por um grupo de professores franceses. Tenho este pesadelo, e haverá uma longa fila, como no exame do "Baccalauréat", e será exactamente como o sistema francês, de um a dezoito valores, e mandam-nos para o inferno. Espero estar errado. Mas esse mundo de Kafka é, de algum modo, o do "Monsieur le Professeur" da Sorbonne, ali sentado, à espera do "Concours", e será organizado como um "Concours". Estou muito preocupado com isso. Mas, se for verdade, pelo menos quero estar no "Jury". Essa é a minha egoísta e arrogante esperança.

Se comparecermos ao tribunal da nossa memória e se apelarmos ao consolo, o melhor consolo é o esquecimento, e eu sou alguém que esquece muito dificilmente. Quem me dera que não fosse assim. Na vida de qualquer pessoa há muitos momentos terríveis. Mas deixe-me desviar um pouco para o anedótico, para levantar alguns dos temas tabu, algumas das coisas que as pessoas são incapazes de encarar.

Nestes últimos dias temos sido confrontados com as terríveis notícias sobre o terramoto em Assis, na Itália, na Úmbria. Muitas coisas foram destruídas, coisas que nunca vi, ou que vi. Dizem-nos os jornalistas que, dois ou três dias depois do terramoto, as pessoas que ficaram sem abrigo gritavam enfurecidas: "Porquê é que o mundo inteiro só fala de um oitavo de uma polegada de um fresco de Giotto ou de um fragmento de Cimabue e ninguém nos ajuda a viver?" Eu não tenho uma resposta para isso. Durante a guerra, perguntaram ao diplomata britânico, Harold Nicholson: "Se tivesse de escolher entre a vida do seu filho - que lutava no Monte Cassino - e a sobrevivência da cidade de Florença, o que escolheria?" E aquele erudito britânico, e cavalheiro, teve a imensa coragem de transcender a honestidade para dizer: "Florença, porque apesar da minha dor poder vir a ser insuportável, nos séculos vindouros os seres humanos ainda teriam Florença".

Passei a minha vida a investir, perigosamente, perigosamente, paixão na arte, na literatura, na filosofia, na música e tenho a certeza que nem sempre investi nas relações humanas. Há uma pequena lista, que digo para mim mesmo em noites de breu - são três da manhã -, de pessoas que amaram mais os seus cães, mais os seus animais de estimação, do que qualquer ser humano. É uma lista muito preocupante. Ela inclui

Richard Wagner, Nietzsche, Heidegger e Adolf Hitler. Mas há muitos mais. Sei - já disse isto publicamente e provocou uma enorme indignação, há mesmo pessoas que dizem que lhes provocou náuseas por eu o ter dito - que se a esposa ou os filhos estivessem a ser torturados pelos carrascos, podia-se-lhes gritar: "Aguentem!", porque eles compreenderiam as razões. Sei que se alguém começasse a torturar o meu cão, eu cederia em dez segundos e trairia todos! Eu sei isso. Não consigo defendê-lo, não consigo evitá-lo, não consigo explicá-lo, o que é ainda mais inquietante. Sei que isso é verdade e que é uma das grandes verdades tabu da psicologia moderna. Mas há muitos outros exemplos em que, por razões egoístas ou ambiciosas ou intelectualmente luxuosas, virámos as costas ao que sabíamos ser o ideal. O exame começa então a ser muito severo, e é muito difícil responder a certas perguntas. Os outros hão-de julgar-nos como acham que nos devem julgar, mas pode ser que, aqui e ali, nos tenhamos desculpado no nosso egoísmo com excessiva facilidade. E quando Sócrates disse: "Conhece-te a ti mesmo", referiu-se a algo cheio de luz, como Atenas ao meio-dia, àquela luz resplandecente, e ao azul do mar. Julgo que ele foi talvez - ousou dizê-lo - um pouco ingénuo. Conhecer-se realmente a si mesmo é descer, como na imagem de Montaigne, as escadas em espiral da torre, até a uma grande escuridão, a uma escuridão de Piranesi. Não é tudo luz solar. Mas temos de tentar fazê-lo. E seremos uma marioneta, habitaremos uma falsa comédia do eu, se não estivermos dispostos a descer essas escadas. E ninguém pode fazê-lo por nós, nenhum psicanalista, nenhum padre confessor, nenhum terapeuta, nenhuma terapia do choro, nenhuns exercícios de terapia de grupo nas montanhas da Califórnia, nenhum LSD. Temos de ser nós, que raio, a procurar fazê-lo, sentados, sozinhos, numa cadeira bem desconfortável, sem ajudas, perguntando: "Quem, c'os diabos, foi o responsável pelo que correu mal? Responde a ti mesmo, responde a ti mesmo". E, para mim, uma educação superior, a justificação final da educação é de forçarmo-nos a descer essas escadas, para voltarmos a subi-las, certamente afectados, certamente com um grande tristeza e altamente perturbados, mas sem procurarmos refúgio em culpar os outros ou em culpar a sociedade ou em culpar um qualquer defeito orgânico - meu Deus, em breve teremos vírus da estupidez, quando a estupidez está somente em nós mesmos.

Epilog

George Steiner. *While listening to the scherzo of Schubert's C major string quintet. Now we shall take the second movement ... Notice how they start the next part ... Listening to the first bars of the slow part of the scherzo. That is superhuman ... This movement ... Superhuman ... The whole sadness of the world ... Superhuman ... He knew he was dying. We are an animal which can produce that ... And there were many men, as you know, who loved it and played it and then produced concentration camps ... The same men, in the same streets.*

Wim Kayzer. You were always busy with the question, how can people in the evening read Rilke, or love Beethoven

George Steiner. ... Or play Schubert ...

Wim Kayzer. ... Or play Schubert, or play Beethoven, and slaughter other people in the morning as if they were stamping forms. Did you get any further with the answer?

George Steiner. I have no answer. It's probably the question which has dominated my work and other human beings' identification with my work. That question is always seen as one I asked [throughout] my whole life and was the only one I asked. Near the end of my life, I find no theory acceptable, not the idea of a collective schizophrenia, not the idea which Koestler in this very room always said to me: "But I have the answer. Part of our brain is pre-historic, sadistic, animal, and only a tiny part has evolved humanity, and they haven't got together". It's a lovely story, but there is not a shred of evidence for it. I've been, as you know, even more pessimistic. Could it be that in very high culture there is something inhuman? We've spoken about it already – Walter Benjamin, the great master, said: "The foundation of every cultural monument is a piece of barbarism". That's too extreme again. I have no answer. I know that for me, without this movement of Schubert's posthumous quintet much in life would not be worth living. I couldn't bear it. I've said in "Errata" that to lose one's eyesight must be unimaginably terrible. But I do carry a lot of literature in myself, a lot of luggage would stay with me. Not to be able to hear music anymore, I believe to be the darker darkness of the two. May God preserve me from it. But the presence of such a work defines for me the inexhaustible magic and terror of Europe, the coexistence in the same heartland of the highest that Man has achieved and the lowest, the most inhuman and sadistic. If we knew that music like that made you incapable of doing certain things, we would be safe. And perhaps Man is not meant to feel safe. There is a wonderfully anti-Semitic joke – by Hegel – but a wonderful one. Hegel says: "God comes, there is a Jew in front of Him. And God says: 'In one hand I have eternal salvation for you and in the other I have tomorrow morning's newspaper. Which would you choose?' And the Jew, of course, says Hegel, chooses the newspaper". I entirely understand this, because there is something in us which does not want to come to rest, which does not want peace and safety, which wants to live on the edge, which wants to be in inner doubt, in inner questioning. And that is our "dignitas" as thinking human beings. But it seems to make us capable of or perhaps in need of great savageries, great cruelties. We grow impatient with peace, we grow impatient with repose, we grow impatient with decency – that is a very dangerous thought – but there is something about decency which brings out in us a certain arrogant boredom. We are fascinated by the dark. We always have been since the beginning of great art. The number of human beings who read the "Inferno" of Dante over and over is a hundred times those who read the "Paradiso", and that always have been so from the beginning. There is a terrific problem there: Freud did say some very interesting things about tragedy, saying we keep returning to blackness so as to be able to endure it, so that we control our own fear of it. Yes, but why do we do it to other human beings? And to that I have no answer. But because there was a Schubert, maybe – maybe – somewhere there is an excuse for the rest of us.

Epílogo

George Steiner. *Enquanto escuta o scherzo do quinteto em dó maior de Schubert.* Agora ouviremos o segundo andamento ... Repare como dão início à parte que se segue ... *Escutando os primeiros compassos da parte lenta do scherzo do quinteto de Schubert.* Isto é super-humano ... Este andamento ... Super-humano ... Toda a tristeza do mundo ... Super-humano ... Ele sabia que estava a morrer. Somos um animal que consegue produzir isto ... E houve muitos homens, como sabe, que amavam este quinteto e que o tocavam e que depois faziam campos de concentração ... Os mesmos homens, nas mesmas ruas ...

Wim Kayser. Nunca deixou de se interrogar porque é que as mesmas pessoas que podem à noite ler Rilke, ou amarem Beethoven ...

George Steiner. ...Ou tocarem Schubert.

Wim Kayser. ... Ou tocarem Schubert, ou tocarem Beethoven, podem de manhã chacinar outras pessoas como se estivessem a timbrar papel. Conseguiu avançar na resposta?

George Steiner. Não encontrei uma resposta. Essa é a pergunta que muito provavelmente tem dominado o meu trabalho e determinado a identificação de outros seres humanos com o meu trabalho. Foi como se eu tivesse feito essa pergunta toda a minha vida e como se ela tivesse sido a única. Perto do fim da minha vida não encontro nenhuma teoria aceitável: nem a ideia de uma esquizofrenia colectiva, nem a ideia que Koestler, nesta mesma sala, sempre me comunicou: "Mas eu tenho a resposta. Há uma parte do nosso cérebro que é pré-histórica, sádica, animal, e só uma pequena parte é humanidade evoluída, e as duas não conseguem juntar-se". É uma história sedutora, mas não há nela uma ponta de evidência. Como você sabe, tornei-me ainda mais pessimista. Pode ser que haja algo de desumano na alta cultura. Já falámos disso. Walter Benjamin, grande mestre, disse: "A fundação de qualquer monumento cultural é um acto de barbárie". Isto é ainda demasiado extremista. Não encontro uma resposta. Sei que, para mim, sem este andamento do quinteto póstumo de Schubert, muitas coisas da vida não seriam dignas de ser vividas, eu não a suportaria. Em *Errata* escrevi que perder a visão deve ser horrível e inimaginável. Transporto comigo muita literatura e ficaria ainda com imensa bagagem. Nunca mais poder escutar música, creio, seria a mais escura das duas escuridões. Que Deus me preserve disso. Mas, para mim, a presença desta obra musical define a magia inesgotável e o terror da Europa, a coexistência, na mesma terra mãe, do mais elevado que o Homem conseguiu realizar e o mais baixo, o mais desumano e o mais sádico. Estaríamos salvos se soubéssemos que música desta nos impedia de fazer certas coisas. Mas talvez o destino do Homem não seja o de sentir-se salvo. Há uma anedota anti-semita engraçadíssima que Hegel conta: "Deus chega diante de um judeu e diz-lhe: 'Numa mão tenho a tua salvação eterna, na outra tenho o jornal de amanhã de manhã. Qual é a que escolhes?'. E o judeu, claro - diz Hegel - escolhe o jornal". Compreendo isso perfeitamente, porque há algo em nós que não deseja parar, que não quer paz e segurança, que quer viver no limiar, que quer permanecer interiormente na dúvida, na interrogação. E essa é a nossa "dignitas" de seres humanos pensantes. Mas parece que isso nos torna aptos ou nos faz ter a necessidade de cometer grandes selvajarias, grandes crueldades. Impacientamo-nos com a paz, impacientamo-

nos com o repouso, impacientamo-nos com a decência - é um pensamento muito perigoso. Há algo na decência que gera em nós uma espécie de tédio arrogante. Fascinamo-nos com as trevas. Elas sempre nos fascinaram, desde os começos da grande arte. O número de seres humanos que leram o "Inferno" de Dante é cem vezes maior do que aqueles que leram o "Paradiso". Sempre assim foi, desde o princípio. Há aí um problema terrível sobre o qual Freud disse algumas coisas muito interessantes, sobre a tragédia, afirmando que insistimos em regressar à escuridão para poder suportá-la, para controlarmos o medo que dela temos. Sim, mas porque é que a impomos a outros seres vivos? Eu não encontro uma resposta. Mas porque houve um Schubert, talvez - talvez - haja algures uma desculpa para os outros como nós.